

Música  
17 Junho 2011

# Ná Ozzetti Balangandãs

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Voz Nâ Ozzetti

Guitarra, violoncelo, violão tenor Mário Manga

Violão Dante Ozzetti

Contrabaixo Zé Alexandre Carvalho

Bateria, gongos melódicos Sérgio Reze

Sex 17 de Junho

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h10 · M12

## Sobre *Balangandãs*

por Nâ Ozzetti

Em meados de 2007 começámos a ensaiar os primeiros arranjos das canções do *Balangandãs*. Depois de eu ter ouvido mais de 200 gravações e feito uma selecção ao meu próprio gosto, trabalhamos 18 canções dos compositores Assis Valente, Synval Silva, Ary Barroso, Braguinha, Dorival Caymmi, Waldemar Silva, Alcyr Pires Vermelho e Valfrido Silva, entre outros, canções que foram eternizadas, em magníficas interpretações, na voz de Carmen Miranda.

As gravações originais são um primor no que diz respeito aos arranjos e às *performances*, seja das orquestras, do Bando da Lua e, obviamente, da Carmen, que nos inspiraram a manter a essência musical desses originais. Então, partindo deste princípio, Dante e Manga, cada um se responsabilizando por um número de canções, trouxeram para o grupo os pré-arranjos, que foram depois trabalhados por todos com muita liberdade e ganharam toques preciosos das personalidades musicais de cada um. Foi um processo extremamente prazeroso.

Em 2008 estreámos e daí para a frente ficámos cada vez mais entrosados.

Em Janeiro de 2009 convidámos o Alberto Ranellucci para produzir connosco o CD, gravar, mixar e masterizar. Foi ele que, com uma mestria de encher olhos e ouvidos, cuidou da sonoridade do disco, nos mínimos detalhes. Gravámos em três dias corridos no estúdio NaCena em São Paulo. O estúdio dispõe de várias salas onde se pode gravar simultaneamente, cada

instrumento em uma sala exclusiva, de modo que não haja interferência do som dos outros instrumentos. E foi o que fizemos, cada um de nós na sua própria sala tocando juntos, como se estivéssemos nos apresentando ao vivo.

Voltando um pouco no tempo, em 1979, quando entrei no grupo Rumo, fiquei entusiasmada pela proposta musical deles que eram duas, na verdade, o Rumo, com canções inéditas e o Rumo aos Antigos, com canções menos conhecidas de compositores importantes como Noel Rosa, Lamartine e Sinhô.

Foi nessa ocasião que comecei a ouvir com mais frequência as gravações de Carmen Miranda que me chamaram a atenção imediatamente pela forma como ela brincava e valorizava tanto o conteúdo das canções como os seus próprios recursos vocais que sempre me surpreenderam e surpreendem até hoje. A partir de então passei a procurar por mais e mais gravações dela e ela se tornou para mim uma das principais referências como cantora.

Anos mais tarde, foi o Eduardo Muszkat, da MCD [a editora do CD], quem sugeriu que eu fizesse este trabalho, ao me ouvir cantar *Boneca de Piche* e *Adeus Baticada* em um *show*.

Mais um tempo se passou até que finalmente resolvi encarar o desafio e a responsabilidade e convidei o Manga, o Dante, o Sérgio e o Zé Alexandre para dividirem a tarefa comigo.

---

## Ná Ozzetti

---

Maria Cristina Ozzetti, conhecida como Ná Ozzetti, nasceu em São Paulo a 12 de Dezembro de 1958. Estudou piano na infância e, já adulta, formou-se em artes plásticas. No final da década de 1970 iniciou a sua carreira musical com o grupo Rumo, com o qual fez muitos espectáculos e gravou cinco LP's.

Lançou o seu primeiro álbum a solo em 1988, intitulado *Ná Ozzetti*, com o qual ganhou o Prémio Sharp de revelação feminina na categoria MPB.

No segundo CD, *Ná*, editado em 1994, passou também a compor. Com este disco conquistou o Prémio Sharp do ano nas categorias Melhor Disco e Melhor Arranjo (Dante Ozzetti) no segmento pop-rock.

Em 1996 lançou o CD *Love Lee Rita*, em homenagem à conterrânea Rita Lee. Seguiram-se os CD's *Estopim* e *Show*, este com clássicos das décadas de 1940-50.

Em 2000 recebeu o prémio de Melhor Intérprete no Festival de Música Brasileira promovido pela Rede Globo de Televisão, interpretando a canção *Show* de Luis Tatit e Fábio Tagliaferri.

O CD *Piano e Voz* é lançado em 2005 em parceria com André Mehmari, reunindo canções nacionais de várias épocas e também internacionais.

Em 2009 lança o álbum *Balangandãs*. Por este trabalho, Ná e a sua banda conquistaram o primeiro lugar na categoria Melhor CD Popular no 5º Prémio Bravo! Prime de Cultura.

O seu último CD, *Meu Quintal* (2011), reúne doze canções inéditas de sua autoria.

No decurso da sua carreira trabalhou em projectos a solo e com outros artistas, incluindo composições em parceria com José Miguel Wisnik, Itamar Assumpção, Luiz Tatit, Dante Ozzetti, Suzana Salles, Zélia Duncan e Alice Ruiz. Também participou em CD's de Tom Zé, Zeca Baleiro, Pena Branca e Xavantinho, Orquestra Jazz Sinfónica de São Paulo ou em música para coreografias do Grupo Corpo (com Zé Miguel Wisnik e Tom Zé) ou para cinema, entre outros projectos. Wisnik, Tatit e Tom Zé, já estiveram na Culturgest com magníficos espectáculos. Ná participou como convidada no *show* que Wisnik aqui apresentou em 2007.

(a partir de [www.naozzetti.com.br](http://www.naozzetti.com.br))

A banda Rumo, de que Ná Ozzetti fez parte na sua juventude, foi constituída em 1974 por um grupo de alunos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo liderado por Luis Tatit. Tornou-se um dos ícones do que se chamou de “vanguarda paulista”, designando uma geração heterogénea de músicos e compositores, no início da década de 1980, que se apresentavam com uma atitude crítica e independente em relação ao grande mercado da música.

Os Balangandãs são miniaturas de animais, figas, frutos, moedas, etc., em metal, normalmente ouro ou prata, reunidas numa argola. Terão surgido nas populações escravas chegadas à Bahia, como adorno feminino que afastava maus-olhados e atraía benesses e felicidade. O nome imita o som que essas miniaturas produzem quando agitadas pelos movimentos do corpo de quem as usa.

A palavra aparece em duas canções do disco de Ozzetti: *Disseram que eu voltei americanizada* (...“E corre por aí/Que eu sei certo zum zum/Que já não tenho molho, ritmo, nem nada/E dos balangadãs já não existe mais nenhum...”) e *Diz que tem* (“Ela tem, diz que tem, diz que tem.../Tem cheiro de mato, tem gosto de coco/Tem samba nas veias, tem balangandãs/...”).

# overdrama

## de Chris Thorpe

### Um espectáculo da mala voadora

Estreia · Integrado no Festival de Almada

**Teatro** Qui 7, Sex 8, Sáb 9 Julho

Grande Auditório · 21h30 · Duração prevista: 1h00 · M12



**Texto** Chris Thorpe **Tradução** Francisco Frazão  
**Direcção** Jorge Andrade **Com** Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas, Flávia Gusmão, Jorge Andrade, Márcia Breia, Marco Paiva, Miguel Damião, Miguel Fragata, Pedro Gil, Sílvia Filipe, Tânia Alves e Wagner Borges **cenografia** José Capela **Luz** Daniel Worm **Produção** Manuel Poças  
**Co-produção** mala voadora e Culturgest

A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/ Direcção-Geral das Artes, e é estrutura associada da Associação Zé dos Bois

1. “Todos os grandes acontecimentos da História do mundo ocorrem duas vezes, a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. Marx utiliza termos do teatro para retirar o tapete aos folclores revolucionários, oferecendo ao mesmo tempo um perigoso argumento aos cínicos.

2. O modelo de construção poética chamado “teatro” evoluiu na relação entre o

que se comunica e a retórica da comunicação. Tal como os discursos políticos. A diferença é que o teatro pode optar por não dizer nada (uma opção política), ou por ser político através da retórica – duas possibilidades que não se colocam nos discursos, porque eles têm de parecer sempre que dizem qualquer coisa.

3. *overdrama* é um espectáculo de teatro feito com uma peça de teatro (não é o que costumamos fazer). Pedimos ao Chris Thorpe para escrever uma peça sobre a revolução com os recursos narrativos do drama burguês: problemas no “seio da família”, adultério e outros desamores, ricos e pobres, o intrincado quiproquó, coincidências felizes e coincidências infelizes, destinos ameaçados, vítimas, esperas, expectativa. E redenção. E *pathos*.

4. “Moral da história” e “moral da História”.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado  
Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes  
Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos  
Pietra Fraga

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos  
Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira  
Rita Duarte *estagiária*

#### Publicações

Marta Cardoso  
Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez  
Clara Troni  
Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro  
Paulo Silva  
Teresa Figueiredo

#### Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino  
*coordenador*

Paulo Abrantes  
*chefe de áudio*  
Ricardo Guerreiro  
Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo *chefe*  
Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira  
Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho  
Edgar Andrade

#### Recepção

Sofia Fernandes  
Ana Luísa Jacinto

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real  
Inês Costa Dias  
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) - [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---